



CRISTINA CAROÇA

Otorrinolaringologia em ações humanitárias

De acordo com o Consenso Europeu de Ajuda Humanitária, *“Humanitarian aid is a fundamental expression of the universal value of solidarity between people and a moral imperative”*. É uma prática mundialmente adotada quer no âmbito da Medicina, ensino ou outras atividades profissionais. Na Medicina é uma atividade que permite a mudança e melhoria de vidas, sobretudo dos mais carenciados e necessitados, tentando diminuir as desigualdades.

Em Portugal temos muito presente como ajuda humanitária a atuação de diferentes ONG, sendo a atuação fora das fronteiras realizada maioritariamente nos países de expressão Portuguesa, as nossas ex-colónias. Em Otorrinolaringologia a ajuda humanitária nestes países necessita de alguma preparação quer no material a adquirir para colmatar as falhas, que implica uma análise dos principais problemas da comunidade alvo.

A experiência pessoal nestes projetos é sem dúvida muito enriquecedora quer no plano pessoal como profissional. A ação humanitária permite o contacto com outras populações, com realidades e rituais diferentes. Antes de preparar uma missão humanitária é necessário conhecer o contexto de saúde e epidemiológico e da população alvo.

Nestes países, temos o conhecimento da precaridade na saúde, associada a carência de condições, medicamentos e, por conseguinte, uma elevada taxa de infeções que muitas vezes não se conseguem colmatar. A Otorrinolaringologia é uma especialidade que é responsável por 3 dos 5 sentidos: audição, olfato e gosto. No caso da audição pode ter um impacto muito

significativo no desenvolvimento do país. Classicamente a surdez está associada a uma elevada prevalência de otites médias crónicas, mas são também frequentes as infeções no período perinatal que levam a situações de surdez perinatal. Cada vez mais se evidencia a necessidade de criar equipas multidisciplinares no apoio humanitário em Otorrinolaringologia. Não só pela importância de uma correta avaliação como também de orientação do doente.

Em São Tomé e Príncipe decorre há 9 anos um projeto de ajuda humanitária onde se iniciou com uma equipa de 5 elementos (2 médicos, 2 enfermeiros e 1 audiologista), a equipa foi crescendo à medida das necessidades, com terapeuta da fala, reabilitação auditiva e integrando a formação dos profissionais locais para tentar dar ferramentas para uma melhoria nos cuidados de saúde local.

Uma ação humanitária não se pode ficar apenas pela realização de atos e procedimentos, ela deve incluir sempre a formação dos profissionais locais com o objetivo de os tornar mais autónomos na atuação destes no local durante a ausência de equipas de ajuda humanitária. A formação pode ser realizada durante as missões ou até mesmo por telemedicina, permitindo desse modo um acesso direto aos cuidados de saúde, permitindo a partilha de conhecimentos e uma melhor orientação do doente.

Nos dias que correm, com o COVID-19 estas ações humanitárias foram privadas da sua atuação no local por constrangimentos de deslocação, mas manteve-se o contacto formativo através da telemedicina para que se possa manter o apoio. Sem dúvida que ao pensar no



apoio humanitário, orientamo-nos sempre para viagens a outros países, mas as ajudas humanitárias não implicam a deslocação para fora de fronteiras. A nossa ajuda pode sempre chegar a um bairro ou zona mais necessitada, onde devemos sempre privilegiar a formação. Sem esta, torna-os dependentes do apoio, mantendo-os inativos em relação à necessidade, por impossibilidade de atuar ou poder colaborar na melhoria dos cuidados.

A infeção COVID-19 é um exemplo prático e atual em que a necessidade em determinados locais leva ao apoio de profissionais em lares, escolas ou outras instituições. Nestes casos também é muito importante a formação dos profissionais locais para que se possam envolver e tornar mais autónomos.

A ajuda humanitária no próprio país, ou noutra à distância, é um projeto enriquecedor que deverá implicar sempre a formação e envolvimento das equipas locais no processo de melhoria de cuidados. Felizmente, contamos com muitos colegas de Especialidade que participaram em diversas acções humanitárias, tanto em Portugal, como noutros países. Claro que não bastou uma vontade individual, foi necessário integrarmo-nos em organizações com capacidade de reconhecer necessidades específicas das populações, de arregimentar as equipas, e de angariar

os fundos necessários, sempre com a sensibilidade de seguir a vontade dessas populações, e trabalhando em conjunto com quem já está no terreno e com as autoridades locais, tanto em Portugal, como fora.

Assim, considerando ser uma experiência enriquecedora não só pessoal, como profissional, sabendo que muitos de vós gostariam de participar nestes projetos, deixo o repto de que podem encontrar nas ONG ou outras Instituições a possibilidade de poder chegar a ajuda a outros.

Cristina Carocha